

PROCURO A ALMA DAS COISAS: COLECIONISMO AFETIVO POR MEIO DA GRAVURA EM RELEVO SECO

ISABELLA ISLABÃO¹; KELLY WENDT².

¹UFPel – isabellaislabao@gmail.com

²UFPel – kelly.wendt@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo visa refletir acerca do trabalho “Procuro a alma das coisas”, que consiste em uma série de seis gravuras em relevo seco, realizadas a partir de centros de mesa de crochê, sendo alguns herdados da minha avó, e outros garimpados em brechós e antiquários, que foram utilizados como matriz para a impressão das gravuras.

Esse trabalho dialoga com questões relacionadas à memória, como colecionismo, espaço doméstico, apropriação, arquivismo, afeto e tempo. Partindo do objetivo de investigar como esses objetos, carregados de significado pessoal, tornam-se dispositivos poéticos que ativam lembranças, busca-se refletir sobre a potência dessas materialidades em construir pontes entre o passado e o presente, evocando narrativas e recriando presenças.

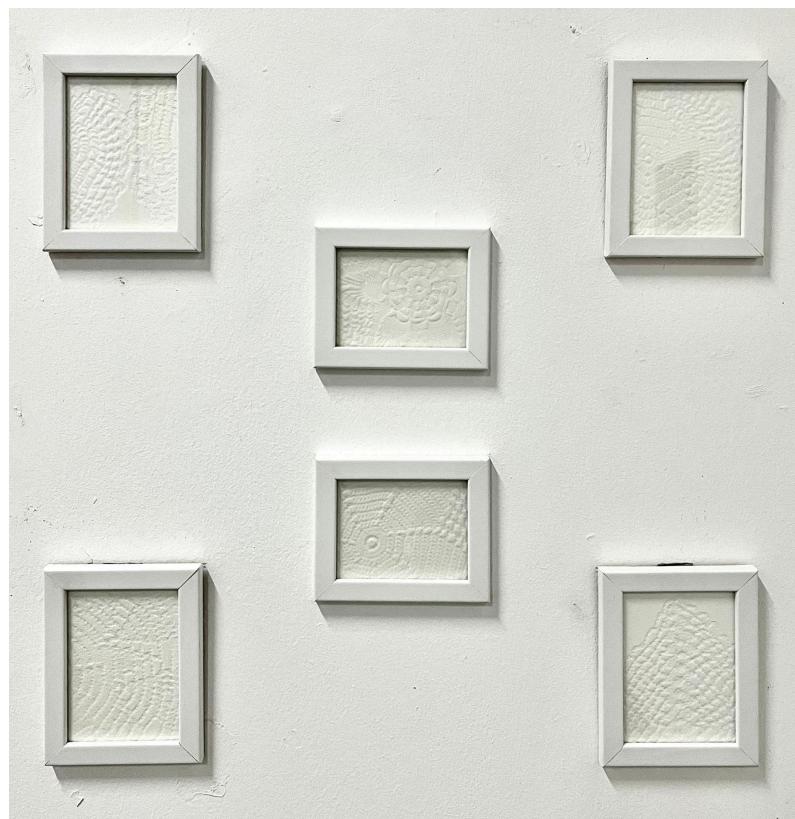


Figura 1: Isabella Islabão. Procuro a alma das coisas, 2025.

Gravuras em relevo seco. Arquivo pessoal.

Através da recontextualização desses objetos, o trabalho propõe um olhar sensível às histórias que eles carregam, e daquelas que ainda podem contar.

Nesse sentido, os objetos não apenas guardam rastros da vivência de quem os preserva, mas também têm o potencial de despertar sentidos em outras pessoas, conforme cita NERY (2017):

Assim, os objetos vinculados aos indivíduos podem dizer muito sobre eles, tanto aqueles que estão mais próximos do corpo, a exemplo daqueles que compõem a indumentária e a vestimenta, quanto os que ficam escondidos em gavetas, em caixas ou expostos nas estantes domésticas. Esses objetos que são guardados e preservados pelo seu dono, aos poucos podem vir a adquirir um valor sensível e uma importância simbólica tanto para ele próprio quanto para os outros indivíduos, que por ventura estiverem na sua presença, principalmente para as pessoas mais próximas. (NERY, 2017, p. 145)

Meu interesse por objetos começou com aqueles que pertenciam à minha família, carregados de memórias e afetos. Com o tempo, esse vínculo se expandiu para peças de desconhecidos, muitas vezes achadas na rua, em antiquários ou até no lixo. O que antes era uma relação íntima com relíquias familiares tornou-se uma curiosidade mais ampla pelos rastros e histórias deixadas por outras vidas, que também passaram a se entrelaçar com a minha.

Sendo assim, esse trabalho une as memórias ligadas à minha avó com as memórias que encontrei pelo caminho. O relevo seco foi escolhido como uma forma de gravar essas memórias, marcando a ausência desses objetos por meio da sua presença no papel.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foram selecionados seis centros de mesa feitos em crochê, priorizando os mais diferentes visualmente e que funcionariam melhor com a técnica de relevo seco. Em seguida, utilizando uma prensa, os crochês foram impressos em papel para aquarela umedecido, de gramatura 300 g/m² e 100% algodão, que é mais apropriado para a técnica.

As gravuras foram colocadas em molduras brancas, sendo quatro de tamanho 11x14cm, e as duas do meio com 10x12cm, e organizadas na parede de modo que formassem uma pequena coleção. Cada moldura funciona como uma espécie de relicário, feito para guardar relíquias com valor sentimental, que ao mesmo tempo protege essas gravuras, e também as expõe.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A técnica de gravura escolhida, conhecida como relevo seco, é caracterizada pela ausência de tinta. A imagem é gravada pelo relevo da matriz prensada sobre o papel úmido, criando uma imagem tridimensional e sem cor. Nesse sentido, vejo um forte diálogo entre a técnica e minha poética, principalmente pela delicadeza e sutileza do resultado, mas também pela relação com a memória, algo que se desfaz aos poucos, que vai se apagando, e que raramente se revela de forma clara ou precisa. É possível observar essa relação visto que o resultado das imagens impressas não é nítido, e depende da relação com a luz e sombra do ambiente.

O título do trabalho é uma frase retirada do livro “Gaveta dos Guardados”, de Iberê Camargo, no qual o autor/artista também fala que “o passado é um espectro que vive na memória, onde as imagens são irreais e imprecisas”

(CAMARGO, 2009). É essa imprecisão da memória que busco representar por meio desse trabalho.

Além disso, as imagens produzidas mantêm uma conexão direta com o objeto que serviu de matriz, funcionando como um índice de sua existência. Contudo, essa presença se apresenta de forma ambígua: embora a forma registrada dependa do contato físico com o objeto, esse objeto já não está presente na imagem final. O que se vê é apenas um traço, um sinal de algo que já esteve ali. Dessa forma, a imagem resultante manifesta uma tensão entre o que está e o que já se foi, a forma do objeto permanece, mas sua presença física se dissolve, revelando sua ausência.



Figura 2: Isabella Islabão. Detalhes de “Procuro a alma das coisas”, 2025.

Gravuras em relevo seco. Arquivo pessoal.

Nesse contexto, é possível pensar o próprio gesto de gravar como um ato de arquivamento ou de colecionismo afetivo. Ao selecionar objetos (os crochês), utilizá-los como matrizes e registrá-los no papel, busco criar uma espécie de inventário visual, um arquivo de memórias. Como afirma RIBEIRO (2008):

Tratar de apropriações, portanto, é também tratar de memória, coleções, de arquivos – instituições humanas sempre em mutação, em ampliação, e cuja dramaticidade maior é nunca se completarem um dia. O exercício de colecionar traz consigo a árdua tarefa de catalogação dos objetos e das coisas colecionadas, inventário da memória de cada um dos objetos retirados do mundo e re-significados em uma coleção. (RIBEIRO, 2008, p.800)

Dessa forma, a gravura funciona como um meio de ressignificação, ao deslocar o objeto de seu contexto cotidiano para o campo da imagem, ele deixa

de ser apenas um vestígio material e passa a integrar uma narrativa poética, que fala sobre o tempo, a ausência e a memória.

4. CONCLUSÕES

Portanto, o trabalho “Procuro a alma das coisas” investiga a memória e o afeto contidos em objetos cotidianos por meio da gravura, os crochês tornam-se vestígios de presenças passadas, que evocam a fragilidade das lembranças. Ao deslocar esses objetos do seu contexto original, proponho uma ressignificação desses objetos, ao mesmo tempo que transformo o ato de gravar em um gesto de arquivamento afetivo. Mais do que apenas registrar as formas dos objetos, busco preservar as memórias afetivas ligadas a eles.

Embora esteja satisfeita com o resultado do trabalho, reconheço a necessidade de repensar a forma de exposição. A interação com a luz do ambiente é fundamental para a visualização das gravuras, o que exige uma atenção especial ao espaço expositivo. Além disso, estou reconsiderando a organização dos quadros, talvez uma distribuição dos quadros mais dispersa e menos rígida geometricamente possa favorecer a leitura das imagens, mas tudo isso será pensado para a próxima montagem do trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, I. **Gaveta dos guardados**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NERY, O. S. **Objeto, memória e afeto: uma reflexão**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.10, n.17, 2017. Disponível em:
[<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/11383>](https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/11383).

RIBEIRO, V. C. **Apropriação na arte contemporânea: colecionismo e memória**. ANPAP: Florianópolis, p. 796-807, 2008.